Para a minha família.
Os que inspiraram a minha infância e este livro.
E aqueles que chegam agora e tornam tudo ainda melhor.

PRÓLOGO

No final, esta história poderá parecer uma tragédia. Mas não é essa a minha intenção.

Vou tentar escrevê-la novamente, a história dos Vaz e da Herdade do Lago, desta vez como uma história de amor. Desvendará o coração de duas pessoas, a vida de muitas outras, só que em vez de um herói e de um vilão, ter-me-á apenas a mim.

Bem, talvez também não dê uma grande história de amor. Sim, chamemos-lhe uma tragédia. Porque não? Todos somos protagonistas de uma. Todos nós morremos no final.

Mas tenho de vos contar este pedaço da história – se não for para me redimir, que seja pelo menos como uma última tentativa para sossegar uma consciência que se sente em falta.

Tenho um cenário verdadeiramente idílico, nesta herdade, mesmo num dia chuvoso e lúgubre como o de hoje. Um lugar no Portugal esquecido, verde, frio e húmido, berço de tantas infâncias, onde o meu corpo de adulto já não combina. Há muito tempo que não tenho lugar aqui.

Continuo a tentar. Reescrevo com mais paciência. Recordo todos os rostos do passado e desejo que, desta vez, as palavras lhes façam justiça.

Confesso que não sei como me apresentar, nem a esta *História dos Vaz e da Herdade do Lago*. O que posso dizer-vos é a verdade, mesmo

nos momentos em que seria melhor mentir. E se, ao longo das páginas que se seguem, começarem a gostar um bocadinho menos de mim, peço-vos que se lembrem desta promessa… e de que esta história não é sobre mim, é sobre todos eles.

A Herdade do Lago é aquele quadro gigantesco na parede de um museu, pelo qual não conseguimos passar sem reparar. O quadro de que toda a gente gosta, mas no qual ninguém se demora e é abandonado sempre cedo demais. Porque esta herdade entra na memória como a inspiração, como uma corrente de ar pela brecha de uma janela mal fechada – cada um sente-a, imagina-a e inventa-a.

Não consigo contar-vos as origens da Herdade do Lago. Existem demasiadas versões, sem a certeza de que alguma delas seja a verdadeira.

Da pouca consensualidade entre as lendas, dizia-se que a herdade era deslumbrante, gigante, adorada por cada um dos seus donos e que todos eles tinham o apelido «Vaz», que sempre assim fora e sempre assim seria.

Ah! E uma maldição. Há sempre uma maldição com hálito de destino trágico – sem nenhuma moral no final da história.

Quanto a este passado, o passado da herdade e das muitas gerações dos Vaz, não vou alongar-me; dele existem versões suficientes. Vou começar quase pelo fim, quando lá cheguei.

PARTE I

1

Quando os dias são passados na rotina de uma paisagem familiar e silenciosa, um momento de alvoroço fica guardado nas lembranças de uma vida. E quando se é uma criança de pouco mais de dez anos, se anda descalço grande parte do ano para não estragar os sapatos bons, que ganham pó debaixo de uma cama de colchão de palha, esse dia de alvoroço pode muito bem ser o dia escolhido para iniciar a história da sua vida.

A partida do Fernando foi a primeira grande interrupção no ciclo dos meus dias. Eu era ignorante, pobre, otimista e deslumbrado pelo que a imaginação me fazia acreditar. Tudo o que uma criança precisa para ser feliz. A mudança era uma novidade e um catalisador que, durante aquele ano, eu estava condenado a utilizar repetidamente da forma errada. Mas estou a adiantar-me, peço desculpa, é a ansiedade de quem tem muita coisa para contar.

A Herdade do Lago era o meu mundo, sem exagero da expressão – *o meu mundo*. A família Vaz, os cinco seres supremos que me governavam, a origem e o foco dos meus expoentes.

De onde vim? Ninguém sabia dizer. Como cheguei à herdade? A resposta dependia sempre da pessoa a quem o perguntava. Certo dia, alguém ouviu um choro e lá estava eu! Dentro de uma cesta de verga, embrulhado num cobertor encardido (que, mesmo assim, não

conseguia ser mais negro do que eu, como o Fureca, o fuinha, gostava de me dizer) e nem sequer um papel com um nome que pudessem dar-me.

Desde esse dia – que uns dizem ter sido de primavera e outros de outono –, nunca mais ultrapassei os limites da Herdade do Lago por vontade própria, até que finalmente o fiz e só regressei mais de vinte anos depois. Hoje. Digamos que sou mais um dos mistérios da Herdade do Lago, com o privilégio de ser protagonista de algumas das suas lendas. Somos uma terra de poetas, escritores e exploradores, não seria de esperar outra coisa.

A D. Idalina, a cozinheira da casa, polícia e juiz, voz de autoridade em toda a herdade, foi quem me encontrou – quanto a isso parecia não haver dúvida – e, ao ver-me ali, no degrau da soleira da entrada, levou as mãos à cabeça e gritou pela criada que estava a lavar a loiça, dizendo que alguém se esquecera ali de uma formiga, pois nunca vira coisa mais pequena e escurinha.

Dizem que, ao ouvir aquelas palavras, comecei a rir e quanto mais gente aparecia e se juntava em redor do cesto, mais eu ria, e o nome ficou: Formiga.

Mas a D. Leonor, católica, a senhora da Herdade do Lago, exigiu que eu fosse batizado logo que possível e quando o padre lhe pediu um nome para o registo no livro da igreja, ela respondeu-lhe «Baltazar», em honra do Rei Mago, e fez questão de lhe juntar o seu nome como minha madrinha.

Os anos viriam a comprovar que foi a D. Idalina quem fez a escolha mais acertada. A alma dela reconheceu a minha e batizou-me de maneira justa: não havia buraco no qual eu não conseguisse enfiar-me, sabia ser discreto e irritante como qualquer inseto que se preze e quando decidia esconder-me, não havia quem me encontrasse. Assim era eu: uma formiga.

A partida do Fernando foi um golpe desferido sem aviso e no meu egocentrismo infantil, estava convicto de que ninguém sofreria mais com a ausência dele. Vi-o até como uma punição do Sr. Vaz

especificamente para mim, por alguma coisa que eu certamente fizera, mas de que já não me lembrava; ou então, o resultado do acumular de todas as vezes em que ele tentou dar-me um puxão de orelhas, um pontapé no rabo, e lhe fugi antes que tivesse oportunidade para o fazer. O Sr. Vaz, o dono da herdade, era como um deus cuja ira eu temia e por cuja aprovação ansiava. Os seus passos pesados eram o som que ecoava pelo solo e me retinia na alma. Era o homem mais alto e mais forte que já vira, mas eu conseguia ser *rápido e escorregadio como uma enguia de Aveiro,* dizia ele (eu pensava que Aveiro era outro país, e até hoje não sei quais as características que o Sr. Vaz admirava nas enguias de Aveiro para me comparar especificamente com as dessa proveniência).

A notícia da partida do Fernando apanhou toda a gente desprevenida e, obviamente, nada tinha a ver comigo. Ele era a minha pessoa favorita, com tudo o que qualquer criança poderia desejar de um amigo e tudo o que eu desejava ser. Naquele dia, ele tinha 17 anos, a força da idade, um espírito admirável e a combinação rara das virtudes de um bom rebelde. O pesadelo de qualquer pai.

O espaço macio que existia no coração do Fernando era a Clara, a irmã mais nova. Os dois eram… *tão diferentes e tão iguais*, é a expressão certa – partilhavam o mesmo coração idealista, mas os seus espíritos, esses eram como o Sol e a Lua, a paz e a guerra, o diplomata e o rebelde, a silva e a rosa, o café e o leite…

Por razão desconhecida ou mero capricho do destino, ele tomara a irmã à sua responsabilidade e esforçava-se por compensar a negligência crónica da mãe de ambos.

Nessa tarde de início de outono, ainda cheguei a tempo de encontrar os dois irmãos sentados no banco de madeira junto à estufa das flores.

Corri, logo que dei por falta dos dois na casa, e agachado atrás do tronco do carvalho gigante que lhes fazia sombra, pus-me a acompanhar a conversa com a atenção que sempre mereciam.

Eu conhecia os sítios prediletos de cada um dos Vaz, aqueles que escolhiam para ter as suas conversas importantes, e em cada um desses lugares existia um cantinho para mim, bem discreto. Talvez nem

os próprios se apercebessem da própria preferência, os hábitos são como comida presa entre os dentes: toda a gente a vê antes de nós.

Eles estavam de costas voltadas. A Clara parecia chorar, ou tentar não o fazer, inclinada para a frente, cotovelos pousados nos joelhos, cabelo castanho-claro a escondê-la; normalmente, usava-o apanhado num rabo de cavalo alto na cabeça.

– Continuo sem perceber porque não te recusas a ir. – A voz cansada dela esforçava-se num protesto que não era novo e há muito que estava perdido. – Se há alguma coisa pela qual vale a pena impores-te à vontade do pai, é esta!

– É inútil, ele só vai ficar com mais vontade de me despachar para Lisboa… – A voz dele, leve e límpida.

– Saberias se tivesses pelo menos tentado.

Silêncio.

– Eu quero ir.

A cabeça dela levantou-se e as costas endireitaram-se. Aquela era uma novidade para ela e para mim.

– Queres ir?! – Expressou a incredulidade por nós os dois.

Como poderia ele querer ir-se embora? Como é que alguém poderia querer ir-se embora da herdade?

– Sim, vai ser bom sair, estar noutro sítio… diferente.

– Podes sair sempre que quiseres. Quem te ouvir falar, até parece que estás numa prisão… Podes ir para o Porto com a mãe e a Ana sempre que elas forem, por algumas semanas. Não precisa de ser por… meses! Tu vais morar para Lisboa, Fernando.

Lisboa era um sítio longe, uma cidade, a maior de todas, cheia de gente estranha, com cheiros estranhos, e um rio ainda maior do que o lago. Foi assim que o Fureca me explicou, eu não entendi muito bem e, por isso, desconfiava. O Porto também era uma cidade, sabia-o eu, mas ao contrário da ideia abstrata que tinha de Lisboa, o Porto era, para mim, um sítio amaldiçoado e razão de discórdia na família. Sempre que era mencionado, o Sr. Vaz soltava uma rajada de palavrões – eram como um arroto de boca aberta, ele precisava de o fazer para se sentir melhor. A D. Leonor recriminava-o e dizia que um bárbaro

como ele nunca compreenderia conceitos de civilidade e civilização. *Bode velho do monte*, chamava-lhe quando ele não estava a ouvir. Gostava muito dela, mas não concordava.

– Estou a tentar encarar isto como uma coisa boa – explicou o Fernando, com calma. – E talvez o seja. Até para ti. – Ela rodou para ficar de frente para o irmão. Não estava a chorar, a Clara acabava sempre por se provar mais forte do que esperávamos. – Precisas de aprender a viver sem mim. Aprender a desenrascares-te sozinha. – As sobrancelhas dela contraíram-se e ele riu. – Não fiques chateada comigo. Vou-me embora daqui a uns minutos e, depois, não vais ter tempo para me pedires desculpa.

Ela suspirou, sem vontade suficiente para uma discussão.

– Às vezes, odeio-te.

Ele riu-se de novo, mais à vontade, e puxou-a para si num abraço.

– Prometo que vou escrever-te e contar-te tudo.

– Espero bem que sim, porque tenho um pressentimento de que isto por aqui vai ficar um bocado aborrecido.

– Não vai nada. Já falei com o Formiga e deixei-o de prontidão. Ele vai fazer-te companhia sempre que puder.

Ao ouvir o meu nome, o meu coraçãozinho disparou como a cauda de um cão e um calor agradável subiu-me ao pescoço. Era sempre excitante fazer parte da conversa, e às vezes acontecia.

A Clara concordou com ele com um aceno de cabeça e murmurou alguma coisa que não consegui perceber. Desejei que fosse sobre mim, que as palavras dela me incluíssem e me pusessem entre aquele abraço de despedida.

O lago soprou uma lufada fresca ao outono e, acima de nós, as folhas começaram a deixar os ramos das árvores. Na chuva de amarelos e castanhos, uma folha ficou presa no cabelo da Clara, quase invisível no emaranhado dos caracóis despenteados. Eles abraçaram-se, ela encostou o rosto junto ao peito do irmão, fechou os olhos, e ele tirou-lhe a folha do cabelo, guardando-a no bolso.

A convivência entre os membros da família era tensa, visível a todos e compreendida de forma instintiva. Cada um dos Vaz como placas tectónicas debaixo dos nossos pés, num equilíbrio de forças sempre precário. *Nós*, os trabalhadores, os espíritos coloridos que dançavam ao comando deles, os que cuidavam da Herdade do Lago com as mãos, habituados a permanecer vulneráveis aos humores da natureza que em dias maus tornava o nosso trabalho em sacrifícios.

Éramos muitos, mas os que me rodeavam pouco me interessavam – esses eram demasiado próximos, demasiado familiares para despertarem a curiosidade dos meus dez anos. A minha atenção estava sempre nos Vaz, e tudo o que eu não conseguia ver, ouvir, descobrir ou compreender, completava-o com demasiada imaginação.

Quando finalmente chegou a hora da partida, lá estávamos todos, família e empregados, na frente da casa para acenar ao Fernando. A frente da casa resumia-se a um extenso tapete de relva verde, cuidadosamente dividido por um trilho de pedras sobre terra batida e um triângulo de flores em ambos os lados; alguns metros ao fundo, havia um portão de ferro ladeado por duas estátuas, duas crianças, uma com uma pandeireta, outra com uma flauta – escolha de um dos antepassados dos Vaz com ouvido sensível para a música, contava-se.

A D. Idalina esforçava-se por manter a compostura, mas o brilho nos olhos mostrava a emoção e um grande apego ao Fernando. Talvez fosse mútuo, por isso o abraço entre os dois foi o mais demorado de todos.

– Vamos, Fernando, despache-se – disse a D. Leonor, já com um pé no primeiro degrau das escadas para voltar a casa. Não beijou o filho, não o abraçou, nem sequer lhe tocou. Havia quem arriscasse dizer que nunca o fizera.

A Rosarinha, a ajudante da D. Idalina na cozinha, figura frágil e espírito débil, chorava por todos nós, lenço amarrotado entre os deditos, ranhoca no nariz.

O Sr. Vaz bufou bem alto em resposta às palavras da mulher e abriu a porta do carro, atirando com o seu corpo pesado para cima do assento do condutor. O carro baloiçou, tão insatisfeito quanto o dono.

O Sr. Vaz tinha asco à condução. A seu ver, o lugar de honra de um homem da terra era montado no lombo de um garanhão, um Lusitano de preferência, mas alguém tinha de levar o Fernando à estação do comboio e mais ninguém sabia conduzir senão ele – quer dizer, o Fernando sabia, mas depois de permitir ao filho tomar o comando do volante numa ocasião das festas de Nossa Senhora da Conceição, e mesmo no torpor da sua embriaguez, jurou não repetir tal imprudência; o patriarca da família planeava morrer em paz, deitado na sua cama – e foi assim que aconteceu, vinte e três anos mais tarde.

Lembro-me de que os olhos secos da Clara me surpreenderam pela segunda vez nesse dia, composta como se o irmão estivesse para regressar no dia seguinte e não apenas no Natal, quase três meses depois.

A Rosarinha, sempre auspiciosa, era da opinião de que o Fernando nunca mais iria voltar. *Tu bate nessa boca, mosca morta!,* respondera-lhe a Maria da Assunção. E dessa vez, a D. Idalina não defendeu a Rosarinha da lavadeira.

O Fernando deu um último abraço às duas irmãs. Os três herdeiros da propriedade eram irmãos, mas diferentes como três estranhos de três países em três continentes. A Ana era a mais velha, uma versão silenciosa de algo ou alguém que nunca cheguei a conhecer; era tão raro ouvi-la que chegava a esquecer-me do som da sua voz. Mas recordo-me de que, nesse dia, disse alguma coisa na despedida, sussurrada: *Já não era sem tempo* – ou – *Leva-me contigo*. Não estou certo de qual, mas também não tem importância, porque o momento mais notável aconteceu quando o Fernando me estendeu a mão – foi o meu primeiro aperto de mão *a sério*, igual aos que via os outros fazerem. O Fernando apertou-me a mão, forte, firme, como devia ser feito. Mais uma lição do melhor dos professores, com um dos seus sorrisos cheios de alma que eu tanto admirava.

– Sabes o que tens a fazer – disse-me, os seus olhos cinzentos bem postos em mim. Todos os olhos postos em mim. O meu peito inchou para fora e como não tinha nada para dizer que me parecesse estar à altura do momento, abanei a cabeça como um asno.

– *'Bora* que se faz tarde – rugiu o Sr. Vaz, pondo o motor a trabalhar e abafando o chorinho da Rosarinha.

Acenámos as mãos no ar, um coro descoordenado de *boa viagem*, *vai com Deus*, *Deus te acompanhe*, *toda a sorte*. E lá entrou ele no carro.

– Até parece que vai para guerra! – riu-se o Sr. Vaz, num *ah, ah, ah* de boca bem aberta.

Mais alguns acenos, o Fernando sorriu-nos de volta e ficámos a vê-los desaparecer pelo caminho de pedra e terra batida, com um solavanco ao cruzarem o portão principal e depois o cruzamento da estrada umas boas centenas de metros lá mais à frente. E depois, não restou nada senão pó.

2

A minha memória mais antiga, aquela que ainda hoje tenho como a primeira, é a de acordar debaixo de uma grande árvore farfalhuda, numa tarde, de sombras quentes, dos meus olhos sem força nem vontade de se abrirem, da luminosidade avermelhada que via através das pálpebras. Moleza. A preguiça pesada de um corpo que não quer acordar, um braço lento a subir para limpar a testa suada, as palhas secas coladas nas minhas palmas pegajosas. O silêncio. O zumbido de uma abelha. O arrulho de um pombo. E, depois, o assobio estridente e demasiado humano, que afugentou a ronha, o silêncio e a abelha… O assobio da D. Idalina.

O chamamento era uma pulsação súbita, aquela que mantinha o ritmo cardíaco da herdade. Sim, a Herdade do Lago, como qualquer corpo quente e com vida, tinha um coração e ele não estava no lago – esqueçam as lendas –, o coração da herdade seguia a tradição da casa portuguesa, aconchegado na cozinha.

Da minha primeira memória é tudo o que tenho, não sei o que aconteceu a seguir, mas é provável que tenha feito o que sempre fazia nessas alturas: corria, calcanhares a baterem no rabo a cada passada longa em direção à cozinha. Era costume haver alguma coisa boa para eu comer à chegada, pelo menos nos primeiros anos; depois começou a ser mais trabalho do que prazer e o entusiasmo nunca mais foi igual.

– Arre! Sempre o mesmo caracol! – protestava a D. Idalina. Qualquer que fosse a minha velocidade, nunca era a certa; com o passar dos anos, fui finalmente entendendo que não era um protesto, era um cumprimento. Os olhos dela eram como duas azeitonas acabadas de tirar da água e, quando ria, fechava muito os olhos e formavam-se-lhe covinhas nas bochechas – tenho cá para mim que ficava sem ver nadinha, mas muito castiça, como se não fosse tão velha e rezingona.

A cozinha ficava nas traseiras da casa, a poente, e da sua única e pequena janela via-se a hortinha que servia a casa e que era o meu orgulho, pois era eu quem tratava dela. Tinha hortaliça e ervas aromáticas que serviam as necessidades da casa. A cozinha cheirava permanentemente a comida, pois a D. Idalina cozinhava refeições não só para a família, mas também os almoços para os empregados das terras. Todos os dias, o Sr. Hipólito, o velhote lento, carregava marmitas para a sua carroça e ia levá-las aos campos que estavam a ser trabalhados. A comida era quase sempre feita no lume, em grandes panelas de ferro de três pernas, e o fumo negro secava as carreiras de enchidos sempre pendurados em paus compridos que atravessavam a boca da chaminé de um lado ao outro. Às vezes, eu via o Fureca, o artolas, a roubar uma chouriça ou uma morcela, quando ninguém estava a olhar, mas como me dava sempre umas rodelas, calava-me. Havia loiça pelas paredes todas, nem toda era verdadeira: havia um prato esverdeado em forma de couve e outro com um caranguejo de loiça que estavam cobertos de pó negro e nunca eram usados, e nem eu nem ninguém parecia saber para que serviam. No centro da cozinha, estendia-se uma mesa de madeira comprida. Era enorme, apesar de nunca ter muito espaço livre nem parecer ser suficientemente grande, a madeira era escura e polida pelo uso, tinha umas mossas valentes, golpes de facas, faltavam-lhe lascas nas testeiras pelos encontrões e as quinas já nem existiam. A Rosarinha estava sempre sentada a trabalhar numa das testeiras, a cortar, a descascar ou a escolher alguma coisa. Se estivesse tempo frio, ocupava a testeira junto ao lume; se estivesse calor, ficava na oposta, junto à porta da rua. A Rosarinha dava uma ajuda nos trabalhos que os olhos

da D. Idalina se viam aflitos para fazer. Era jovem e enfezadita, tinha vozinha de pieira e olhinhos esbugalhados como os pombos que tanto adorava – a D. Idalina tinha de a despachar para fora da cozinha sempre que se matavam os bichos e, mesmo assim, a coitada ficava inconsolável. Era uma alma sensível, fazia o que lhe era pedido como um animal manso e todos a usavam como exemplo quando me pregavam sermões. Eu não tinha por hábito falar muito com ela, os seus olhos chorosos faziam-me sentir coisas estranhas, falta de apoio no estômago e uma pressão na parte de trás da cabeça. Eu ainda não sabia distinguir nervosismo de compaixão.

A D. Idalina estava sempre algures ao redor da mesa, a cantarolar as músicas a par com o rádio, e era a única altura em que ela falava baixinho; de resto, até quando estávamos lá ao fundo, junto ao lago, conseguíamos ouvi-la.

Algumas horas depois da partida do Fernando, as emoções já se tinham acalmado e tentávamos todos fingir que nada mudara. A Rosarinha estava no seu posto, na testeira da mesa, a escolher os feijões grandes para se venderem no mercado essa semana, e a D. Idalina desligara o rádio para poder vocalizar um murmurinho ao som da melodia do piano que vinha da sala.

– Sempre o mesmo caracol! – disse, levantando de súbito a voz, quando me viu entrar na cozinha. – Pega, vai levar aos currais. – Apontou-me o balde da lavagem e eu engelhei o nariz. – O Zé disse que tem uma porca para parir e que precisa que fiques com ela, não vá a bicha precisar de ajuda.

– Ooooh… – O meu protesto não era pela porca, eu até estimava a companhia dela. O Zé Boi, que tomava conta dos animais, é que me fazia os pelos dos braços eriçarem-se. – Preciso de sachar o… – ainda comecei, mas ela não me deixou acabar a mentira.

– O quintal pode esperar, os leitões é que não esperam para nascer. Faz o que te digo e guarda o diabo que sabes. Chispa daqui, cachopo!

A música que vinha do piano da sala parou, aproximei-me da cesta da fruta e fingi escolher uma peça para tentar engonhar. A D. Leonor dava lições de piano às filhas, aos fins de semana, e como me estava

a parecer que a daquele dia terminara, ainda havia a possibilidade remota de a Clara ir até à cozinha e me salvar. Peguei num pêssego e comecei a balançá-lo de uma mão para a outra, como se precisasse de me certificar de que tinha o peso necessário. A D. Idalina estava a temperar uma carne e olhou-me de esguelha. A Clara apareceu no momento certo, mas não parecia muito feliz.

– Hoje foi uma riqueza, Clarinha – elogiou a D. Idalina, que pelos vistos também reparara nos ombros caídos dela.

– Verdade! – concordou a Rosarinha, com demasiado entusiasmo. – A madrinha fartou-se de cantar aqui. Uma alegria.

– Então, têm de agradecer à Ana. Eu hoje nem sequer toquei numa tecla. A minha mãe acha que eu não consigo tocar melhor, porque ainda não aprendi a ouvir.

A D. Idalina e a Rosarinha olharam uma para a outra, para ver quem conseguia desenrascar primeiro uma resposta animadora. A Clara não gostava de tocar piano e, pelo que parecia, não tinha grande jeito. Talvez os dois factos estivessem relacionados, eu não percebia nada de música; só sabia o que toda a gente sabia: que soava melhor quando a Ana tocava, era ela que tinha ouvido para a música. E, como se invocada pela irmã, a Ana também apareceu na cozinha, acontecimento raro, devo esclarecer, e pôs toda a gente a olhar para ela. Alta, pele de leite, cabelos negros e lisos, a futura herdeira da Herdade do Lago olhou em redor com a expressão habitual que nada dizia. Não precisava de sair do seu silêncio para nos fazer prestar atenção, quando nos olhava transformava-nos no centro do mundo. Mas, naquele instante, pareceu nem notar que havia gente presente e, provavelmente não encontrando o que procurava, rodou nos calcanhares e voltou pelo caminho de onde tinha vindo.

– Formiga, já te disse para ires levar isto. O Zé *'tá* à tua espera! O homem tem mais o que fazer! – disse a D. Idalina, pondo com voz firme um ponto final às minhas esperanças.

A Clara deu-me um sorriso pouco entusiasmado, eu retribuí com um semelhante, passei-lhe o pêssego que tinha nas mãos, peguei no balde e lá fui.

O meu estatuto na herdade era ambíguo. Não era um empregado, mas também não pertencia à família. Ajudava em algumas tarefas, chamado por toda a gente, mas ninguém mandava em mim; normalmente era a D. Idalina quem tinha a última palavra sobre este tipo de assuntos. A D. Leonor não gostava; inicialmente até protestara e discutira com o Sr. Vaz e a D. Idalina ao ver-me a trabalhar. E, quando tive idade suficiente, quis que eu fosse para a escola, mas mais ninguém partilhava da sua opinião e eu tinha medo de sair da herdade, temendo que, por alguma razão, não me deixassem voltar a entrar – a lógica que só o meu *eu* de seis anos poderia explicar-vos. E assim, a ideia da escola para mim nunca passou disso mesmo: uma ideia. No entanto, a D. Leonor não era pessoa para ceder a sua vontade à de ninguém – como terão oportunidade de perceber ao longo desta história. A senhora da herdade era a personificação do mistério feminino, com o medo que a beleza consegue infligir nos homens e a ânsia que nos faz querer agradar a alguém que nunca se permite a tal.

Então, sempre que algum professor ia à herdade para dar explicações à Clara, ela fazia questão de que eu estivesse presente, isto até que a própria Clara decidiu tomar a minha educação como uma das suas missões de vida. Mas lá chegaremos.

A D. Idalina sempre me disse que eu não devia ser um carrego para ninguém, que se Deus me pusera no mundo e me deixara à porta da herdade, sozinho, então, esse era o meu destino: olhar por mim mesmo e aprender a desenrascar-me. Eu percebia a lógica e era obrigado a concordar com ela. Por isso, cumpria as minhas tarefas com boa vontade… quase sempre.

Além da estufa das flores, a poente, existiam mais estruturas no terreno das traseiras, entre a casa e a margem do lago ao fundo. Havia uns barracões de madeira onde dormiam alguns empregados (eu, a D. Idalina, a Rosarinha, o Zé e o Fureca) e, mais afastados ainda, os currais, a cavalariça, os celeiros e uns cobertos onde estavam guardadas algumas alfaias. Os currais e a cavalariça eram o território do Zé Boi. O nome dele era só Zé, toda a gente o tratava por Zé Boi, mas só pelas costas. Era um sujeito sossegado, falava só quando era preciso

e poupava nas palavras como se tivesse de pagar por elas à unidade. Alguns olhavam-no com desconfiança, outros diziam que era o diabo em pessoa, outros ainda, exatamente o oposto; acho que tudo dependia da relação que cada um tinha com o silêncio. O homem levantava-se ao primeiro cantar do galo e ia para a cama aquando das galinhas, nunca usava os dias de folga – o Sr. Vaz fazia questão de dar um por semana a toda a gente – e não se lhe conheciam amigos nem inimigos. A alcunha de «Boi», ganhou-a depois de um acontecimento bastante estranho, que se tornou parte da história recente da herdade. Um par de anos antes, um boi bravo fugira dos currais e desatara a correr largadinho em direção à casa – dizem que foi a única vez em que o homem mostrou alguma emoção: pôs-se, também ele, a correr atrás do boi, aos gritos, rosto vermelho e braços a abanar como se o mundo estivesse para acabar, e quase que estava mesmo, pois o maldito do boi parecia ter uma cisma na cabeça, um alvo escolhido, cornos apontados, e lá galopou como se possuído pelo diabo, direitinho à casa. Quem estava por perto, nas centenas de metros que separam os currais da casa, correu na direção oposta, os seus gritos a juntarem-se aos do Zé Boi, e todos assistiram horrorizados quando, de repente, a besta virou para a estufa, onde a Clara estava a desenhar as suas flores, tão concentrada que não se apercebeu da comoção, nem do boi a aproximar-se, a não ser quando se ouviram os gritos da D. Leonor vindos da janela da salinha da renda. O susto e o medo devem ter paralisado a mais jovem dos Vaz, na altura com uns 14 anos de idade, porque nem à primeira marrada do boi contra o vidro da estufa, nem mesmo à segunda, ela conseguiu mexer um dedo que fosse para se salvar. Estava à vista de todos que aquele vidro não tinha mais resistência para oferecer face ao tamanho do animal e que à terceira seria de vez, mas ela não se moveu nem emitiu um guincho, ali entre as suas flores, com um bloco de desenho numa mão e um lápis na outra. Quando já todos rezavam e aguardavam a tragédia inevitável de uma última investida do boi contra o vidro, eis que surgiu a Ana Vaz, da porta da cozinha, já de espingarda caçadeira na mão. Deu três passos, assentou-a no ombro, fez pontaria e, sem pestanejar, disparou contra o animal um tiro certeiro, em cheio

na cabeça, e lá caiu ele por terra. Dizem que levou uns cinco minutos até alguém se mexer depois disto, há quem diga que foram uns dez, à vontade. Pelo que me lembro, o tempo não me pareceu coisa de relevância no momento; só sei que a Ana virou costas com a caçadeira pousada no ombro e voltou a entrar em casa. O Zé seguiu para ganhar o seu nome. Fincou as mãos nos cornos do boi e arrastou-o de volta para os currais, uma faixa de sangue a pintar o caminho. O bicho devia pesar uns duzentos quilos, *dizem*, e que nenhum homem devia ser capaz de mover tal animal, menos ainda aquela distância toda, mas o Zé fê-lo e antes do pôr do sol desse mesmo dia, já tinha retalhado o boi às peças. Dizem que, no final, as roupas pingavam sangue. E foi assim que ganhou a sua alcunha e se tornou «Zé Boi».

Tal como sempre acontecia com todos os episódios caricatos, inexplicáveis ou quando a vida de uma das crianças dos Vaz corria perigo, nasceram de seguida mais alguns detalhes sobre a maldição da família, da herdade, do lago… Com o incidente do boi, quem acreditava na versão da lenda que pronunciava que o herdeiro da Herdade do Lago seria sempre um homem, sentia-se reafirmado pelo risco de vida que a Clara correra, mas mais ainda quem acreditava que era o filho primogénito, ou seja, a Ana, quem seria a herdeira do império dos Vaz. A verdade era que, fosse qual fosse a lenda, ninguém acreditava na Clara como o filho que sobreviveria aos irmãos e que continuaria o legado da família. Para todos os olhares, ela era o anjo infeliz que nascera já destinada aos céus. Era crença popular que o seu espírito doce e a sua imagem angélica só davam credibilidade às superstições lúgubres de que, mais uma vez, apenas sobreviveria um descendente daquela geração dos Vaz, um herdeiro, tal como acontecera até então. Mas eu sempre me recusei a acreditar nelas, até ao último instante.

Quando entrei nos currais, o Zé tirou-me o balde das mãos.

– '*Tou* com os cavalos. Não quero o cão aqui que me assusta a porca – grunhiu.

Dei um salto para me desviar do caminho dele e não ser abalroado. Depois de pousar o balde junto aos outros, ele pôs-me os olhos em cima

num segundo mudo que valeu mais do que um grito e lá foi para as cavalariças.

– Eu trato da *Medusa* – disse-lhe à pressa. A *Medusa* era a égua do Fernando, mas se o homem me ouviu, ignorou-o.

De seguida, já a respirar melhor, fui até ao pequeno curral onde a porca estava isolada, puxei um fardo de palha e deitei-me. Pus-me a olhar para o teto alto, as vigas de madeira, as teias das aranhas, as aranhas, as moscas mortas nas teias de aranha – grandes, espessas e encardidas. A porca estava bem, eu ouvia-a a ressonar. Pensei no Fernando, onde estaria, no que estaria a fazer, em Lisboa, em como seria Lisboa, o que fariam as pessoas em Lisboa. Com certeza que lá também haveria porcas, as pessoas tinham de comer, estivessem onde estivessem, o que significava que algures em Lisboa também havia alguém como eu, a tomar conta de uma porca. A minha conclusão fez-me sentir mais próximo do Fernando. Os nossos mundos ainda teriam coisas semelhantes, com toda a certeza que sim. Ele partira poucas horas antes e eu já sentia a diferença na minha vida: não ter nada pelo que esperar, sem histórias das idas dele à vila, dos seus amigos que eu nunca vira, mas que conhecia bem, nem jogos de cartas, nem corridas, nem jogos de força, nem novos sustos para pregar… Até podia continuar a fazer muitas coisas sozinho, mas não seria a mesma coisa.

Ouvi o meu estômago a roncar e arrependi-me de ter dado o pêssego à Clara. Será que as pessoas em Lisboa também gostavam de pêssegos? Será que existiam pêssegos em Lisboa? Poderiam ter outro nome que não *pêssego*, talvez existissem outros frutos. O meu estômago roncou novamente – aquilo não estava a ajudar-me. Fiz uma nota mental para não me esquecer de esclarecer aquela dúvida e abandonei as divagações sobre comida.